(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

ANO 34.º — Sábado, 3 de Maio de 1941 — **N.º 1679**

VISADO PELA CENSURA

DATA HISTÓRICA

—o—

Faz hoje 441 anos que no reinado de D. Manuel I foi descoberto o Brasil, cabendo essa glória ao arrojado navegador Pedro Alvares Cabral.

A data, que se comomora, assinala um dos feitos mais notáveis dos nossos antepassados, sendo, por isso, feriado nas escolas e repartições públicas, que, durante o dia, conservarão hasteada nos seus mastros a bandeira nacional.

O TEMPO

Se fôr verdade que *lua nova trovejada, trinta dias é molhada*, estamos arranjados com a Primavera—tão cêdo não volta a sorrir-se para nós...

Mas que mal fariamos a Deus para merecermos esse castigo?...

Limpeza de prédios

—o—

Ainda se vêem por aí algumas casas e muros denegridos pelo tempo e que escaparam à barrela do ano passado.

Porque esperam?

A GRANDIOSA MANIFESTAÇÃO DE PORTUGAL A SALAZAR

em que a cidade de Aveiro colaborou, aclamando entusiàsticamente o chefe da Revolução Nacional

Foi verdadeiramente apoteotica a manifestação de segunda-feira ao sr. Presidente do Conselho, a quem o povo de Lisboa, com o apoio da provincia, deliberou felicitar no dia do seu aniversario e agradecer tudo quanto até hoje ha feito em beneficio do país.

Não dispondo de espaço para um relato minucioso, ou mesmo sucinto, de quanto diz respeito à consagração do eminente estadista, limitamo-nos a referir a parte que Aveiro tomou na festa e que, pela importância que o povo lhe imprimiu, acorrendo, em massa, às anunciadas cerimonias, é digna de especial registo. Assim, o templo de S. Domingos encheu-se durante a missa resada pelo sr. Arcebispo-Bispo da diocese; o cortejo formado na Avenida Dr. Lourenço Peixinho com o elemento oficial, associações locais, Academia, escolas, bandas de música, sindicatos, bombeiros, Legião e Mocidade Portuguesa, com os seus estandartes, a afirmar a sua imponência, foi dos mais luzidos que temos visto atravessar as ruas da cidade; e, por fim, a concentração na Praça Marquês de Pombal para ouvir os discursos proferidos da sacada do edifício do Govêrno Civil, atingiu uma grandiosidade tal que as palavras escasseiam ao tentarmos focar esse número do programa. Só visto. Um mar de gente! Milhares e milhares de pessoas de tôdas as categorias sociais enchiam-na por completo. Pelas janelas dos prédios em volta e mesmo misturadas com o povo, muitas senhoras.

Principiam os discursos. Em primeiro logar fala o sr.

Dr. José Vieira Gamelas

em nome da Comissão Concelhia da União Nacional, de que é presidente. Diz:

Desejava ser neste momento inspirado poeta, heroico, para escrever em estrofes admiráveis e imorredoiras um hino onde cantasse a gratidão. E homens, mulheres, rapazes, raparigas, velhos, crianças todos, em unisono, pode-lo cantar para agradecer a felicidade que temos tido e que é devida ao Homem, que, em silêncio. sem alardes, no-la tem permitido gozar até hoje. E que Homem é êste, que nos aparece de jaquetão, tão modesto, tão simples, com o peito liso de condecorações e honrarias?

Que homem é êste que repudia guardas pretorianas, toques de clarins, rufar de tambores, troar de canhões, tropeis de cavalos, fardas lusidias, espadas brilhantes e cênas teatrais que arrastam tragédias?

Que Homem é êste que, tendo por única arma os seus magistrais discursos e o seu cérebro, não fere, maltrata ou vilipendia quem quer que seja e, antes pelo contrário, procura, com delicadeza, absolver erros passados, convencer e fazer luz onde só escuridão existe?

Que complicada organização cerebral é esta e tão equilibrada que o torna grande, enorme, único nos variadíssimos e complexos problemas nacionais?

A sua inteligência, o seu talento, o seu trabalho insano, a sua ponderação indiscutível posta ao serviço e engrandecimento da nossa Pátria, deram ao trabalhador o pão quotadiano, a higiene na habitação, a alegria na família, a ordem nos negócios, a confiança no futuro. E o seu nome é tão grande que ultrapassa fronteiras!

As homenagens de povos longínquos sucedem-se e todos desejam que o seu nome honre as suas galerias e fique entre os seus maiores. Orgulhosos? Sim, portugueses, por termos a feliz sorte de o possuirmos São do Mestre as seguintes palavras e oxalá que em todo o Mundo elas achassem éco e tivessem rápida realização:

«Quando se sente estremecer o Mundo com a fôrça do cataclismo, como o actual, que parece distruir tudo o que nos habituamos a considerar imorredoiro, os homens de ciência e sôbretudo os homens de Direito são assaltados do desgôsto e da dúvida se não é inteiramente vão o seu trabalho. Eu não tenho dúvidas de que o Mundo se transforma, sob alguns aspectos a nossos olhos e tambem as não tenho do que nêsse Mundo em que tudo se modifica o que menos muda é o próprio homem

E isso quer dizer que, passada a tormenta, é outra vez do espirito e dos seus valores que os povos esperam a cura das suas feridas e o estabelecimento das condições da sua vida pacífica.»

Eça de Queiroz, numa das suas admiráveis cartas, a respeito de alguém, que ainda hoje vive, fez notar que, a um seu simples gesto, as linhas telegráfica da Agência Havas tremiam e com elas a Europa inteira. Mas, bastava uma mão habil para tudo cair no silêncio. Hoje as ondas hertezianas, não respeitando fronteiras, nem qualquer obstáculo, levam a milhares e milhares de quilómetros e a tôda a parte e a todos os lares os variadíssimos pensamentos, bons ou maus, que convencem uns e confundem outros, que organizam ou perturbam, que sossegam ou excitam, as verdades e as mentiras. É o Mundo à mercê de aventureiros que habeis conhecem e sabem excitar o sistema nervoso das multidões e que convulsionam, intrigam e desassocegam entorpecendo energias, trazendo a desconfiança do dia de amanhã. Necessário é, pois, e absolutamente necessário que haja alguém em quem tenhamos confiança. Que o deixemos trabalhar com calma e sossêgo. Que não o perturbemos nos seu raciocínios, no seu trabalho árduo para que êste seja fecundo e proveitoso. Tenhamos fé.

Que cada um de nós procure sòmente exercer a sua actividade a dentro do seu mister. Estejamos tranqüilos e calmos e com coragem e fé esperemos e aguardemos confiadamente; não esqueçamos nunca que em todo o Mundo os maiores amigos de Portugal são os portugueses.

Temos um Homem, felizmente, que por nós vela e a todos os momentos. Tenhamos confiança nêle. Saibamos ser gratos e não esqueçamos o seu grande nome para honra e glória de Portugal. Ponhamos de parte tôda a intriga. Ouçamos a sua palavra e acreditemos sòmente nêle.

É o nosso leme, que nos guia, que nos orienta e nos levará a porto seguro.

A sua inteligênia aniquilará a fôrça brutal pela fôrça da sua razão.

É a vontade inquebrantável de vencer que o domina, fortalecida ainda mais pela confiança absoluta de todos nós. Por isso hoje os portugueses dàquém e dàlém Mar, à mesma hora reünidos, e com um único pensamento, bradam em unisono—Todos por SAAZAR, SALAZAR POR TODOS.

VIVA SALAZAR!
VIVA PORTUGAL!

A multidão bate palmas e corresponde aos vivas levantados, erguendo outros, de chapéu na mão, cheia de entusiasmo.

Segue-se o sr.

Dr. António Cristo

que, em nome dos manifestantes, assim se exprime:

Senhores:

Se nesta hora algum oráculo mal iluminado aparecesse a dizer ao povo português que todos os fanatismos são reprováveis, aberrantes, ignominiosos—o povo gritar-lhe-ia que, se o fanatismo é a adesão completa a uma sã

NA PRAÇA MARQUÊS DE POMBAL—A MULTIDÃO EM FRENTE AO GOVÊRNO CIVIL DEPOIS DA CHEGADA DO CORTEJO

doutrina e a dedicação perfeita a quem apaixonadamente a encarna, mentia o oráculo pois há um fanatismo necessário, inteligente venerável e altamente enobrecedor: o fanatismo patriótico!

Pode o povo ignorar, e certamente ignora, as dolorosas angústias da inteligência na descoberta e organização da contextura doutrinal mais conforme aos sentimentos, às realidades e às aspirações nacionais.

Pode o povo desconhecer, e certamente desconhece, a soma enorme de clarividência, de tenacidade, de amor, que um homem providencial teve de dispender em longos anos de trabalho honrado, entre receios e esperanças, tristezas e alegrias, quantas vezes entre lágrimas e raivas, para realizar a obra gigantesca da redênção de uma pátria.

O que o povo sabe, é reconhecer nas excelências das realizações a sublimidade dos princípios e honrar a perfeição da doutrina no homem que a construiu, a ditou, a mantém e superiormente a representa.

O povo compreende o que há de sublime e augusto neste milagroso ressurgimento português; e por isso mobiliza todos os nobres sentimentos que lhe enfloram a alma e, num movimento irreprimível de justiça, congrega-se para saudar com respeito o virtuoso cidadão que talentosamente, corajosamente, amorávelmente amparou na derrocada uma pátria de oito séculos e com inexcedível firmeza lhe tomou a mão e a vai guiando pelos caminhos da eternidade.

E eu pregunto agora se não é compreensível e admirável êste fanatismo que nos leva a honrar Portugal na pessoa de quem o salvou e lhe deu a consciência dos seus altos destinos no mundo;

eu pregunto se em cada coração de português não há-de, por justiça, erguer-se um florido altar a êste taumaturgo que transformou a pátria, triste esquife de glórias passadas, num lindo bêrço de enobrecedoras realidades e prometedoras esperanças;

eu pregunto se não haveremos todos de gritar bem alto o nosso aplauso e o nosso agradecimento ao Doutor António de Oliveira Salazar—filho do povo, que sabe sentir como o povo; professor eminente. que nas cadeiras do poder continua o seu alto magistério; mestre incomparável, que soube despertar e guiar as nossas adormecidas energias e fez de Portugal uma enorme cátedra donde o povo orgulhosamente prelecciona ao mundo, ensinando-lhe lições de trabalho, de harmonia, de tranquilidade, de paz, de honradez, de virtude.

Já um dia se me ofereceu o ensejo de dizer em público que Salazar não quiz o govêrno: — deram-lho; não o aceitou para mandar: — recebeu-o para servir.

E tem servido de tal modo que implantou no país a ordem e a boa administração, fomentou largamente o progresso material, revolucionou a educação e deu a Portugal e à sua política tamanho aprumo e dignidade que por elas nos reconquistou para o bom nome, a confiança e o respeito de todos.

Já não é só por justiça, mas também por gratidão, que o povo português se reüne hoje à volta do seu ilustre Chefe para dizer-lhe, bem do fundo da alma, o seu comovido «obrigado»!

Para tudo consubstanciar numa só fórmula, eu direi: — obrigado porque, com a mesma dignificante altivez com que S. Paulo outrora exclamava: *civis romanus sum*, também cada um de nós pode de novo erguer a cabeça e dizer a rôsto aberto e com santo orgulho: — sou cidadão português!

Meus Senhores:

As grandes fogueiras não se contentam com o alimentar-se das achas que consomem: elevam aos ceus as suas enormes labaredas, que os ventos impelem constantemente a requeimar ao perto e ao longe.

Tudo afogam em temerosas nuvens de fumo e cinzas; tudo ameaçam em assustadoras línguas de fôgo; e, de quando em vez, despedem faúlhas a atiçar novos incêndios devastadores...

Este é o doloroso espectáculo do mundo na hora angustiosa que passa.

Sensível às dores alheias e atento ao interêsse próprio, Salazar ditou aos portugueses a única atitude digna, correcta e conveniente nesta pavorosa conjuntura.

E se muito lhe devemos pelo que de grande tem realizado na ordem interna, a nossa gratidão é ilimitada por nos ter sabido conservar o dom inefável da paz.

Graças à sua inteligência e clarividência, graças à sua lealdade e ao seu aprumo, graças ao seu trabalho atento e perseverante, à sua seriedade, à sua honestidade, à sua honradez—Portugal continua a ser aquela casinha branca, cheia de sol, docemente sentada à beira-mar, dentro da qual se trabalha e reza e canta sem convulsões que perturbem a nossa vida tranqüila.

Certamente sofremos, compartilhando os sofrimentos alheios; sofremos, nas inevitáveis repercussões que a guerra cegamente acarreta à nossa economia — e havemos de estar sempre preparados para sacrifícios e carências cada vez maiores, aceitando-as com resignação, com coragem, mas também com confiança.

Todavia, os nossos filhos podem ainda sorrir nos bêrços sem que o estampido duma bomba venha perturbar-lhes o sono; os nossos mortos podem dormir tranqüilos, sem que a metralha lhes revolva as sepulturas e disperse os ossos; podemos ganhar e comer socegadamente o nosso pão e o nosso caldo; cantar as nossas alegrias e chorar as nossas dôres; louvar a Deus e socorrer os homens nossos irmãos; cuidar do corpo e cuidar do espírito; recordar alegremente o passado e olhar confiadamente o futuro — tudo isto podemos fazer ainda com calma, com socego, com tranquilidade, em paz.

E tudo isto é, muito principalmente, obra dêsse português insigne, que parece corporizar tôdas as altas virtudes de um povo eleito e ter sido dado pelo céu à terra para guiar Portugal aos seus maiores destinos.

Ouçamos a sua lição.

Somos um país de navegadores, de apóstolos, de missionários, de santos; um país de gente simples, humilde e boa que deseja apenas mourejar socegadamente e alegremente e contribuir com o seu trabalho honrado para o bem da humanidade.

Já escrevi, e repito-o agora:

Quem tiver olhos, que veja; quem tiver ouvidos, que ouça: — o dever de todos os portugueses, na hora de sangue e dor que vai pelo mundo, é escutar atentamente e seguir escrupolosamente as palavras do Chefe prestigioso.

Se alguém houvesse que se recusasse a cumprir tão sacratíssimo dever — êsse seria réu de alta traição a Portugal: — a oito séculos de triunfos, ao presente de paz e ao futuro glorioso da Nação.

Senhores:

A nossa manifestação de hoje é para dizer a Salazar, aqui representado na pessoa do Ex.^mo Governador Civil, que estamos com êle e que pela obediência sem reservas às suas ordens saberemos cumprir o nosso dever de portugueses.

As últimas palavras do orador são abafadas com nutridas, calorosas palmas e aclamações estridentes.

A fechar, o sr.

Dr. José de Almeida Azevedo

governador civil do distrito, profere as seguintes palavras:

Meus Senhores:

É com profunda satisfação, como delegado do Govêrno nêste distrito e seu Governador Civil, e ainda como aveirense e como português, que eu recebo a manifestação grandiosa que a cidade de Aveiro vem fazer ao Senhor Doutor António de Oliveira Salazar.

Como Chefe do Distrito, é-me imensamente agravável ver a cidade unida no sentimento de admiração, de respeito e apoio ao Presidente do Govêrno que represento, sinal de que a superior orientação que Sua Ex.ª tem sabido imprimir à vida da Nação e a sua cuidadosa e prudente política em face dos acontecimentos mundiais, encontraram éco no coração dos aveirenses e merecem a sua consagração.

Como aveirense e português eu sinto uma grande alegria em presenciar e presidir à apoteóse do insigne homem de Estado, que, tendo em sua mão os destinos do país, tem sabido honrar as tradições da Pátria, salvaguarda-la no presente e assegurar-lhe o futuro.

É um acto de justiça, êste que a cidade de Aveiro pratica, mostrando que o seu pensamento acompanha, nesta hora, o pensamento nacional, que é o prestigio de Salazar, a fôrça de Salazar, a confiança plena em Salazar.

Nas horas conturbadas que a Europa atravessa no meio dos perigos que nos cercam, é de agradecer à Providência termos à frente da governação pública, um homem que, sem faltar a nenhum dos deveres da honra, sabe conciliar a nossa paz interna com os interêsses opostos das nações em luta e sabe de tal maneira impôr-se por uma atitude tão nobre, correcta e leal, que se torna respeitado e admirado em todos os sectores da opinião internacional.

A paz que temos gosado no meio do grave conflito, não é obra do acaso, mas produto da serena inteligência e da larga visão do Chefe do Govêrno, que, compreendendo bem que a um país pobre, como o nosso, só uma neutralidade honrada pode libertar dos prejuizos e horrores da guerra, tem guiado a opinião portuguesa e as relações externas de forma a colocar-nos na zona de segurança em que, graças a Deus, nos encontramos.

É bem de agradecer e louvar esta acção e a hora é a própria para se manifestar o reconhecimento a quem tanto tem merecido dos portugueses.

Se, por nosso mal, esta paz em que estamos vivendo fôsse perturbada pela fatalidade, ou por alguma agressão à nossa integridade e independência, o mundo ficaria sabendo que tal não acontecia por culpa nossa, pois que em Portugal, Govêrno e Povo, formam um bloco de sólida garantia de uma neutralidade absoluta, que é pensada, que é sentida, que é querida e defendida com inteira honradez.

Esta manifestação entusiástica de consagração de Salazar é, ao mesmo tempo, uma manifestação daquela serenidade, confiança e sangue frio que os povos, conscientes da sua história, dos seus deveres e dos seus direitos devem ter no meio das grandes nações em conflito.

Queremos ser úteis, justos e leais para todos; temos de ser justos e leais para com Salazar, que nos dirige e governa. Não se dirá jàmais que Salazar e a Nação estão dissociados ou em desacôrdo. A Nação está intimamente ligada a Salazar, de pleno acôrdo com a sua política e nêle inteiramente confia.

Creio que interpreto com estas palavras o pensamento de todos os que me escutam e de quantos conscientemente aqui vieram prestar esta homenagem de agradecimento e admiração pelo Chefe iminente do Govêrno Português, nosso Ministro da Guerra e dos Negócios Estrangeiros.

A todos agradeço a sua comparência; a V. Rev.^ma Senhor Arcebispo-Bispo de Aveiro, a V. Ex.ª Senhor Comandante Militar, a todos os que ocupam os altos cargos neste distrito, à União Nacional, à Legião e à Mocidade, a todas as colectividades aqui representadas, aos sindicatos e representantes das classes populares cuja presença muito me sensibiliza.

Eu transmitirei ao Govêrno e ao Senhor Presidente do Conselho o significado e o eco desta grandiosa manifestação.

Da multidão saem novas aclamações ao chefe do Govêrno e a Portugal, que logo serenam para se ouvir, atravez do alto-falante, o discurso de Salazar. Terminado ele, as musicas rompem com os hinos nacional e da cidade, erguem-se mais vivas e a manifestação acaba na melhor ordem como é próprio da gente que nela tomou parte com o único objectivo de se mostrar grata a quem não olha a sacrificios desde que tomou nas suas mãos firmes as redeas da governação pública.

O Rei, na Inglaterra

O Rei da Inglaterra é o único monarca do mundo que ainda conserva os poderes e as honras que fizeram, na Idade Média, da realeza, um símbolo incomparável. A monarquia inglesa vive ainda, no seu culto externo, rodeada de tôdas as grandezas, esplendor e dignidades medievais, mantendo a tradição do direito divino. O Rei de Inglaterra *não pode errar*, ficando aos seus ministros, havendo êrro, as responsabilidades. A maior honra dos altos senhores da Grã-Bretanha ainda é serem contados entre os criados do Rei, o mesmo sucedendo às damas, em relação à Raínha.

Só na Inglaterra se diz ainda: *O Govêrno de Sua Magestade, o exército de S. Magestade, a paz de S. Magestade, o Tribunal de S. Magestade, etc.*.

Ainda hoje quando o Primeiro ministro, na sessão de abertura das Côrtes, apresenta ao Rei o discurso que êle deve ler, fá-lo de joelhos.

(Britanova)

O 1.º de Maio

A exemplo do que se tem feito noutros anos, foi esta data comemorada, na Fundição Aveirense, com um almôço de confraternização entre operários e patrões a que assistiram também alguns representantes da imprensa e do clero com o sr. D. João de Lima Vidal.

Foi uma festa encantadora em que o pessoal daquela fábrica mais uma vez exteriorizou a sua alegria e a sua satisfação pela maneira como é tratado pela família Paula Dias, que se tem esforçado para que nada lhe falte e possa exercer a sua actividade, principalmente na hora grave que o mundo atravessa.

Nesta ordem de ideias falaram, quando o espumoso começou a estalar, os operários Abílio Rocha e Américo Marques Abade, que em nome dos seus companheiros manifestaram aos seus patrões o seu reconhecimento pelo carinho que lhes tem dispensado. Usou, em seguida, da palavra o sr. Arcebispo-Bispo da diocese que pronunciou uma tocante alocução, principiando por dizer que se sentia feliz comendo à mesa dos operários e bebendo com alegria o vinho que êles também bebiam.

No final da sua oração foi, como os que o antecederam, muito ovacionado, terminando o sr. José da Paula Dias por, em nome de seus pais e irmãos, agradecer a comparência dos convidados e a presença do venerando prelado, ao mesmo tempo que se referiu à laboração daquela próspera indústria, exortando os seus operários a que continuassem, como até aqui, a cumprir com os seus deveres.

O repasto foi servido numa das oficinas, que se achava engalanada, vendo-se o retrato do fundador da fábrica sr. João André da Paula Dias há dois anos ali inaugurado.

A falta de espaço inibe-nos dum relato mais circunstanciado, motivo por que rematamos estas linhas com os nossos agradecimentos à família Paula Dias pelas atenções recebidas, muito estimando a continuação das prosperidades da sua casa.

Tem razão

Dum cronista, sôbre a situação da Imprensa:

Só há uma maneira de aplaudir e coadjuvar um jornal: é não o lêr *à borla*, como o fazem 50 por cento das pessoas que, em Portugal, lêem jornais.

Um jornal custa hoje, a quem o faz, muito dinheiro; se o leem e não pagam prejudicam, não, apenas, a Empresa que o faz, mas aqueles que o executam.

Mas a *borla*, na nossa terra e nos nossos hábitos, foi sempre uma instituïção nacional...

E sendo assim, não há volta a dar-lhe...

IMPRENSA

Acção

Saíu em Lisboa o 1.º número dum semanário da direcção do sr. Manuel Múrias, com o título da epígrafe, e no qual colaboram várias penas de valor intrinseco.

Prolongada existência lhe desejamos.

CINEMA

Pelo *écran* do teatro passou, no domingo, o filme, assaz réclamado, *Nossa Senhora de Paris*, que, comparado com a realisação muda, há anos exibida na mesma casa de espectáculos, deixa muito a desejar.

Charles Langhton, no papel de Quasimodo, é o único personagem que se salva. O resto, não vale um caracol.

Para haver higiene é preciso a limpeza.

Significativo

Dos *Ridiculos*, de 26 de Abril:

Os Galitos, de Aveiro, foram dar três espectáculos no Rivoli, do Porto, na altura em que se encontrava, no Sá da Bandeira, uma companhia lisboeta.

Já é azar!..

Fomos ouvidos

Agradecemos à Câmara a atenção prestada aos reparos aqui feitos sôbre a limpeza de algumas ruas da cidade.

O que nós gostaríamos era de não mais haver motivo para voltarmos a êste assunto.

"Correio de Azemeis,,

Este semanário também se associou, com todo o entusiasmo, à jsstíssima homenagem prestada a Salazar, publicando-lhe o retrato acompanhado dum artigo adquado.

E' um número apreciável.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, o sr. Amadeu Amador, da casa Testa & Amadores; *àmanhã, o sr. João Rodrigues Testa, também sócio daquela importante firma comercial, e a sr.ª D. Maria Regina M. Sobreiro Murilhas; no dia 5, os nossos amigos Pedro Augusto Ferreira, do Porto, e major Amilcar Mourão Gamelas, actualmente nos Açores; e a inocente Maria Magnólia, filha do sr. Joaquim Coelho da Silva, residente em Paredes (Douro); em 6 os srs. José Martins Arroja, Abel Costa e José Nunes Guerra, digno escrivão de Direito em Coimbra; em 7, o sr. tenente Jacinto Leopoldo Monteiro Rebocho; em 8, a sr.ª D. Conceição Branco Pinto, esposa do sr. José Pinto, da* Farmácia Moderna, *e o srs. Manuel Moreira Vinagre e Abel Gonçalves; e em 9, José Rezende Barata de Lima, filho do sr. alferes José Barata Freire de Lima, de Infantaria 10.*

Partidas e Chegadas

Estiveram nesta cidade os srs. dr. José Arnaldo Q. D. Ferreira, médico em Albergaria-a-Velha, e José de Oliveira Barreto, gerente da filial do Banco N. Ultramarino de Viseu.

Doentes

Acentuaram-se esta semana as melhoras do nosso amigo João Mota, que não tardará a entrar em convavescença.

— Tendo também obtido sensíveis melhoras, já sai à rua o sr. tenente Lopes dos Santos, residente em Agueda.

Bandas de música

E' de tôda a justiça salientar a magnífica colaboração das bandas de música que, na noite de 20 de Abril último, conseguiram deleitar o numeroso público que enchia o vasto recinto da Feira.

Uma — a do Troviscal — sob a direcção do sr. José de Oliveira, viu confirmados os seus já comprovados méritos, a outra — a de Vale de Cambra — sob a regência do sr. Arnaldo Vasconcelos, que pela primeira vez se exibiu em Aveiro, marcou pela apresentação, pela disciplina, pela correcção e perfeita execução.

Muito bem.

Falta de espaço

Por êste motivo ficam alguns originais para o próximo número.

A alimentação da população inglesa

Restaurantes Ingleses é o título de um plano apadrinhado pelo Govêrno Inglês para prover a população de alimento, com presteza, facilidade e economia. Sob êste plano estão já hoje sendo servidas 82.000 refeições diárias em 246 restaurantes de 192 cidades. Por alguns poucos dinheiros (pennies) um homem que tenha a sua mulher ocupada em serviços de guerra, pode ter sôpa, salsichas, puré de batata, carne picada, couves cenouras, um pudim de leite ou outro e possivelmente chá ou café. Faz parte do novo plano de alimentação intensificar o consumo das batatas e uma centena de receitas estão sendo divulgadas pelo país para conseguir êste reresultado.

Uma das receitas é de uma sôpa de aspecto verde claro, côr esta obtida por meio de agriões. Muitas outras sôpas de vegetais se têm generalisado e sanduiches de várias especialidades também vegetais. Nas cantinas dos abrigos há sempre saladas de vários vegetais e legumes frescos.

(Britanova)

Secção Desportiva

Basket-ball

Tendo sido instituída pela Caixa da Escola I. e Comercial Fernando Caldeira uma taça com o nome do director daquele estabelecimento de ensino, sr. Júlio Cardoso, vai-se realizar um torneio a-fim de ser disputada entre *équipes* desta cidade.

Cada jogador do *cinco* vitorioso receberá uma medalha.

O tornelo principiará dentro em breve.

A.

Cartas a uma amiga de longe

Maio, 1941

Minha querida:

Nêsse canto perdido do continente africano, encontrou também eco a grande manifestação que os portugueses fizeram ao snr. Doutor Oliveira Salazar. Vós, os filhos distantes da Pátria, quisestes gritar, de longe, o vosso emocionado agradecimento ao Chefe do Govêrno.

Nesta época que atravessamos, de nervosismo e de inquietações, de espectativas e de ansiedades, não há ninguém que não tenha os olhos postos no snr. Presidente do Conselho, como sendo a única pessoa que nos pode salvar da tormenta... E com tanta inteligência, brio, honra e patriotismo a tem sabido afugentar, que todos anseavam por lhe manifestar gratidão, lhe patentear admiração crescente. Por isso, aproveitando a data do seu aniversário, todos os portugueses de todo o Portugal lhe fizeram uma manifestação entusiástica, carinhosa, patriótica e agradecida, que devia ter mostrado ao Chefe do Govêrno o alto apreço em que o povo o tem. Bem sabemos que êste não é ainda um agradecimento à altura da obra gigantesca, que nos fez saír do cáos em que vivíamos, que nos faz estar em paz na guerra quási total que avassala a Europa; mas quando a obra e os benefícios são tão grandes não há nada que pague, senão uma admiração sem limites pelo homem que a levou a efeito, um reconhecimento perpétuo por quem sacrificou saúde, bem-estar e tranqüilidade em proveito da pátria que fez ressurgir, do povo que sabiamente governa.

Aveiro solidarisou-se com a festa. Tôda a gente estava atenta à voz do chefe, todos gritaram, emocionados, o nome de Salazar e quizeram que o chefe do distrito levasse ao snr. Presidente do Conselho, à mistura com os agradecimentos dos aveirenses, o seu entusiasmo e confiança nêle.

Um abraço da

Zèmi

Necrologia

No bairro piscatório finou-se a semana passada Vitalina da Maia, que foi a enterrar no cemitério novo.

Contava 52 anos, era casada com Luís da Maia Romão, e deixou três filhos.

* * *

Faleceram mais: Rosa de Jesus Catarino, de 19 anos, filha de Justino Lourenço Catarino, também já falecido, e Maria José Paula, de 74, casada com Manuel Simão.